

A intervenção do Brasil na guerra

## A ALIANÇA ANARQUISTA AO POVO

### Documentos

A Aliança Anarquista, à qual aderiram mais de trinta organizações libertárias e de classe, além dum grande número de companheiros não organizados e que conta com a solidariedade de outros grupos anarquistas existentes nos Estados da Federação Brasileira, faltaria à sua missão se nesta hora angustiada para todos, em que trágicos acontecimentos se anunciam, esquecesse que é nos momentos históricos que os partidos e os homens de ideas devem, a todo o transe, assumir a responsabilidade dos próprios actos e proclamar sem vacilações, nem tibiezas, o que pensam e os ideais que professam, que defendem e pelos quais se batem.

Calarmo-nos, nesta hora, seria não só uma attitude inescusavel, de inutil covardia, mas um acto certamente imperdoavel e de traição.

Assim como em tôdas as nações beligerantes, antes e depois das declarações de guerra, os anarquistas não hesitaram em manifestar o seu pensamento sôbre a conflagração, suas causas e consequências, assim também os anarquistas brasileiros, os anarquistas que vivem e labutam no Brasil, no momento em que esta nação é arrastada ao conflito, não se furtam à necessidade de afirmar, solene e publicamente, o que pensam e sentem relativamente ao actual estado de coisas.

Não sabemos se êste manifesto será bem aceite pela maioria do povo brasileiro numa hora de entusiasmo e exasperação, como ignoramos se o nosso gesto irá provocar perseguições e repressões para nós e para os nossos amigos. Mas temos um dever a cumprir e cumpri-lo hemos, sejam quais forem as consequências que êste nosso acto de hombridade e de sinceridade nos possa acarretar.

\*

A mentalidade anarquista é uma mentalidade nova. Constrangidos a vi-

ver num mundo decrépito, em contínuo esfacelo, e cuja existência só com guerras e oppressões de todo o género é possível perpetuar, os anarquistas, pelo espírito, pela vontade, pelas aspirações, pertencem a um mundo que há de vir.

Nascidos aqui ou além, estrangeiros em tôdas as pátrias, somos inimigos de todos os governos, de tôdas as classes privilegiadas e amigos de todos os povos, defensores de tôdas as vítimas.

Devido, portanto, a essa mentalidade nova, inteiramente liberta de preconceitos, graças ao carácter essencialmente universal da doutrina professada, os anarquistas, submetendo os próprios sentimentos ao império da razão, reflectida e serena, falam da guerra e das causas que a provocaram, como das responsabilidades directas que na mesma teem os governos, sem se deixar arrastar por simpatias ou antipatias, que dados os preconceitos ambientes e um exame superficial dos acontecimentos, podem parecer legítimas e de cuja sinceridade nem sempre é licito duvidar.

Nós não vimos, portanto, defender, nem poderíamos fazê-lo, o pan-germanismo, seus principios imperialistas, seus métodos e aspirações. O que essa doutrina representava para o mundo e para o povo germânico em particular, nós os anarquistas o tínhamos denunciado há muito. Contra o espirito autoritário do prussianismo, que se tinha apoderado até da *Internacional* e que nestes últimos anos era critério dominante nos partidos socialistas de tôdas as nações, nós, os anarquistas, tínhamos declarado guerra desde quase cincoenta anos. O nosso procedimento valeu-nos a expulsão de todos os congressos ditos socialistas e tôda a sorte de calúnias por parte daqueles que hoje — em nome sempre do socialismo — dum socialismo politiqureiro e, conforme os casos, nacionalista — se juntaram aos sequazes de outros imperialismos para aqular ódios contra o povo germânico, cuja responsabilidade é grande, mas que não obstante isso é dever de todos quantos acreditam num amanhã de paz e de justiça, ajudar a libertar-se daqueles que o oprimem e enganam, tornando-o matador e feroz. Tanto



mais que seria erro sustentar que da guerra toda a responsabilidade cabe ao povo alemão, pois se é facto que foi o governo germânico o primeiro que, escolhendo a hora propícia, desembainhou a espada, em todas as nações as espadas se estavam afiando para a guerra que, mais tarde ou mais cedo, fatalmente teria de explodir. Pois a guerra era e é a consequência inevitável de tudo isto que se chama o regime capitalista, o militarismo, as teorias imperialistas e as rivalidades de raça, mantidas e alimentadas pelos governos e pelos grupos de financeiros de um ou mais países.

Na França, quando Poincaré subiu ao poder, Hervé, o Hervé de ontem, escrevia: *C'est la guerre, mais nous avons aussi les poings carrés...* para impedi-la.

Mas a guerra veio, alastrou-se e alastrar-se há ainda mais.

O Brasil já entrou no conflito; a sua neutralidade periclitante era fatal que acabasse. O incidente do Paraná foi o pretexto fornecido pelos truceulentos governantes teutónicos.

Nós, porém, afirmaremos, com a nossa franqueza habitual, que mesmo sem aquele pretexto o Brasil seria, mais ou menos dia, irremediavelmente arrastado à chacinha. Assim o impunham os seus exigentes crédores, assim o complexo das circunstâncias políticas e económicas o determinava, assim o exigiam todos os que a guerra ou o estado de guerra virá enriquecer ou eximir de impórtunas responsabilidades.

Nós não negamos que haja um sentimento nacional ofendido; este sentimento, porém, é exclusivo das massas populares. Ele não existe nem nos governantes nem nas classes privilegiadas. Nestes o sentimento nacional traduz-se no simples cálculo, na intriga soés, na baixa politiquice e, digamo-lo sem reboço, num criminoso e hediondo mercantilismo. O sentimento nacional, para os governos e para a burguesia, é a possibilidade de auferir lucros fabulosos, roubando a pátria, que fingem por acima de tudo, e reduzindo à fome o povo ingénuo que eles, pelo entusiasmo ou pela fome, arremessam para a carnificina e para a morte.

A América do Norte aí está como clara confirmação do que avançamos. O governo dos Estados Unidos, os grandes «trustistas» americanos, que não se comoveram grandemente com o fim do *Tubantia*, que se proclamaram mais que neutralistas, pacifistas, pois para eles a neutralidade consistia em fornecer a caro preço munições e víveres aos beligerantes, mesmo aos teutónicos por meio da Holanda, só no dia em que viram os seus negócios paralisados ou reduzidos pela acção dos submarinos, se lembraram que havia uma dignidade nacional ofendida e uma causa de liberdade pela qual era dever baterem-se... continuando no fabrico de munições, de armamentos, de navios e no açambarcamento dos géneros de primeira necessidade.

(Conclue no próximo número).

## HISTÓRIA ANEDÓTICA DO TRABALHO

### As brincadeiras de Tranião

O riquíssimo negociante Teurópidas demora-se numa infidável viagem, e entretanto seu filho, Filólaco, dissipou os bens em constantes orgias, ajudado pelo seu escravo favorito e conselheiro, Tranião, grande patusco cheio de esperteza.

Esta vida de estroinice era o regalo dos escravos urbanos, que dela tiravam proveito, e o desespero dos escravos rurais, fartos de trabalhar e ainda por cima tratados com desprezo e zombaria pelos seus irmãos da cidade. A rivalidade entre escravos do campo e da cidade era aliás geral.

Assim, as disputas violentas entre o cidadão Tranião e o rústico Grumião, quando este vinha trazer legumes ao filho do amo, eram inevitáveis, e delas saía o labrego em regra corrido e vexado, desejando ao seu rival mil castigos e o inesperado regresso do senhor ausente. Que se risse, que se risse, mas ele, Grumião, ainda havia de o ter um dia no campo, sob as suas ordens, a fazer girar a mó do moinho... Vadio! devasso! corruptor! Prouvera aos deuses que o patrão voltasse em breve! Precisamente, num dos dias em que